

DIVERGÊNCIA TEXTUAL NA TRADIÇÃO LATINA DA OBRA DE ISAAC DE NÍNIVE: CÓPIA OU RETRADUÇÃO?

César Nardelli Cambraia*

* Professor Titular de
Filologia Românica,
Faculdade de Letras,
Universidade Federal
de Minas Gerais.

Recebido em: 22/10/2020

Aprovado em: 11/01/2021

nardelli@ufmg.br



RESUMO: No presente estudo, realiza-se a análise de um caso de divergência textual idiossincrática dos testemunhos *A 49 sup.* e *Typ 146* da tradição latina da obra de Isaac de Nínive, a fim de discutir se isso seria resultado de um processo de cópia ou de retradução. A análise comparativa do texto grego com essas versões latinas apontou para um caso de retradução, em função de dados relativos a omissões, adições, escolhas lexicais e natureza da tradução (mais fiel e mais correta).

PALAVRAS-CHAVE: crítica textual; Isaac de Nínive; língua latina; tradução.

*TEXTUAL DIVERGENCE IN THE LATIN TRADITION
OF THE WORK OF ISAAC OF NINEVEH:
COPY OR RETRANSLATION?*

ABSTRACT: In the present study, an analysis of a case of idiosyncratic textual divergence in testimonies *A 49 sup.* and *Typ 146* of the Latin tradition of Isaac of Nineveh's work is carried out in order to discuss whether it would result from a copy or retranslation process. The comparative analysis of the Greek text with these Latin versions have pointed to a case of retranslation due to data related to omissions, additions, lexical choices and the nature of the translation (more faithful and more correct).

KEYWORDS: Textual criticism; Isaac of Nineveh; Latin language; translation.

1. INTRODUÇÃO

O processo de restituição da forma genuína de um texto, objeto por excelência da crítica textual, envolve uma análise minuciosa de toda a tradição do texto. Quanto mais ampla a tradição (seja em número de testemunhos, seja em séculos de cópia), mais interessante se torna a tarefa do crítico textual, pois mais rico é o material a ser examinado.

A tradição latina da obra de Isaac de Nínive é certamente um dos casos de tradição rica, já que são numerosos os testemunhos (atualmente se conhecem 105 manuscritos e 13 impressos) e se distribuem em uma faixa temporal que vai do séc. XIII ao séc. XIX.

No presente estudo, realiza-se a análise de um caso de divergência textual bastante idiossincrático nessa tradição, a fim de discutir sua natureza: seria caso de divergência decorrente de um processo de cópia ou de retradução (nova tradução)?

2. ISAAC DE NÍNIVE: AUTOR E OBRA

Isaac de Nínive é natural de Bet Qatraye (no atual Catar) e, em 676 d.C., se tornou bispo de Nínive no monastério de Bet 'Abe (no norte de atual Iraque) por ordenação de Jorge, o Católico. Após cinco meses, renunciou ao cargo e partiu para a montanha de Matut, na região de Bet Huzaye (na atual província do Cuzistão, no Irã), onde viveu como anacoreta. Mais tarde, mudou-se para o mosteiro de Rabban Shabur (também no atual Irã, talvez próximo a Shushtar), lugar em que aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras. Por volta de 700 d.C., morreu, cego, e com idade avançada, tendo sido sepultado no referido mosteiro (Brock, 1999-2000).

Segundo Chialà (2002, p. 66-83), pertencem às obras genuínas de Isaac cinco conjuntos de textos, tradicionalmente nomeados de *partes*. A *Primeira Parte* possui 82 capítulos; a *Segunda Parte*, 41 (dos quais o 16º e o 17º correspondem respectivamente ao 54º e ao 55º da *Primeira Parte*); a *Terceira Parte*, 17 (dos quais o 14º e o 15º correspondem respectivamente ao 22º e ao 40º da *Primeira* e o 17º corresponde ao 25º da *Segunda*); a *Quarta Parte* não é conhecida; e, da *Quinta Parte*, se conhecem apenas dois fragmentos próprios.

A *Primeira Parte*, em que se insere o tema do presente estudo, foi escrita em síriaco. Em fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, foi traduzida para o grego por dois monges (Patrikios e Abramios) do mosteiro de Mar Sabbas, próximo a Jerusalém. Por volta de fins do séc. XIII, traduziu-se a obra para o latim: Chialà (2002, p. 295) propôs o séc. XIII como *terminus ante quem* para a tradução latina, pois os manuscritos mais antigos seriam do séc. XIII e as citações mais antigas em latim do texto de Isaac conhecidas estão no *Tractatus Pauperis* (concluído em 1270) de John Pecham (1230-1292).

A revisão da tradição latina tem ocupado pesquisadores já há um bom tempo: no estado atual do conhecimento, sabe-se da existência de 105 manuscritos supérstites, 5 manuscritos desaparecidos e 13 impressos (Cambraia, 2014, p. 20-3, com atualizações).

3. ANÁLISE DA TRADIÇÃO LATINA

O exame dos manuscritos da tradição latina da obra de Isaac de Nínive a que se teve acesso até o momento (63 dos 105, ou seja, 60% dela) tem mostrado que ela é bastante multifacetada, tendo sido objeto de diversos tipos de modificação: como exemplo, pode-se citar a incorporação de um excerto da obra de João Cassiano, no qual ocorre um personagem chamado Isaac, e também de um apêndice final de frases extraídas de obras diversas (Cabraia, 2018).

Uma das divergências textuais que se mostram especialmente interessantes é a presente em dois códices apenas: *A 49 sup.* e *Typ 146*.

3.1. OS DADOS

O cód. *A 49 sup.*, da Biblioteca Pinacoteca Accademia Ambrosiana, em Milão, que tem sido situado no séc. XIII, seria proveniente do centro ou do sul da Itália e apresenta-se com o tipo caligráfico gótico textura (Jordan; Wool, 1984, v. 1, p. 37-9). Possui 159 fólios, em pergaminho, com dimensão 150×100 mm, e compõe-se de três unidades codicológicas: (a) a primeira, a principal, com 10 textos: (1) ff. 1r-75v: Isaac Ninivita, *De perfectione religiosa*; (2) ff. 77r-128r: Richardus a Sancto Victore, *De praeparatione animi ad contemplationem*; (3) ff. 128r-133r: Evagrius Ponticus, *Sententiae ad monachos*; (4) ff. 133r-v: Isidorus Hispalensis, *Regula monachorum, De delictis*; (5) f. 134r: *De humilitate*; (6) ff. 135r-142v: *Vita sancti Macharii romani auctore Theophilo, Sergio et Hygino*; (7) ff. 143r-v: Augustinus Cantuariensis, *Sermo de illusionibus*; (8) ff. 143v: *Catechetica de Origenis doctrina*; (9) ff. 144r-159r: *De moribus et religione christiana*; e (10) ff. 159r-v: *Notulae ascetice*; (b) a segunda, a contraguarda, com um fragmento de comentário bíblico; e (c) a terceira, uma nota de aquisição atribuída a Federico Borromeo, na qual consta: “Codex hic fuit ab Illustrissimo Domino allatus Roma”. Apresenta borda decorativa entrançada na margem superior do f. 1r.

O cód. *Typ 146*, da Houghton Library da Harvard University, em Cambridge, tem sido situado no 2º quarto do séc. XV (ou mais especificamente em *ca.* 1430). Teria sido feito para o cardeal Niccolò Albergati (1375-1443) e apresenta-se com dois tipos caligráficos góticos (um para cada texto de que se compõe). Em 1943, foi adquirido de Otto Ranschburg por Philip Hofer, que o depositou na Harvard University em 1967 e deixou-lhe como legado em 1984 (Bond; Faye, 1962, p. 264). Possui 162 fólios, em pergaminho, com dimensão 169×118 mm, e compõe-se de dois textos: (1) ff. 1-89: Jacobus Mediolanensis, *Stimulus divinis amoris*; e (2) ff. 90-162: Isaac Ninivita, *De contemplationis perfectione*. Contém duas miniaturas: a crucificação de Jesus com Maria e João Evangelista (na margem inferior, o brasão de armas do cardeal Niccolò Albergati), no f. 1r; e São Gregório apresentando um livro a dois monges em uma paisagem (também com o referido brasão na margem inferior), no f. 90r.

A divergência textual de que trata a presente análise se restringe a um pequeno trecho da obra de Isaac de Nínive nos referidos códices: encontra-se entre os ff. 70r9 e 72v10 do cód. *A 49 sup.* e entre os ff. 156r25 e 158v21 do cód. *Typ 146*. É importante esclarecer que, enquanto o texto de Isaac neste último foi todo lavrado por um mesmo punho, já naquele há mudança de punho no f. 72v, que está justamente dentro da faixa de texto em discussão.

Para fundamentar esta análise de divergência textual, apresenta-se a seguir o trecho em questão a partir das seguintes fontes: (a) texto grego da obra de Isaac segundo a edição crítica de Pirard (2012),¹ uma vez que o texto latino foi traduzido do grego; (b) versão do texto latino presente no testemunho *U*, com registro das variantes do testemunho *A*;² e (c) versão do texto latino presente no testemunho *M*, com registro das variantes do testemunho *C*.³ Fez-se regularização gráfica básica na transcrição do texto latino, e as variantes foram registradas em nota (não se registraram variantes gráficas e/ou fônicas).⁴ Para facilitar a comparação, o trecho em análise foi segmentado em unidades de aprox. quatro linhas no texto grego, contendo normalmente um período longo ou dois curtos.

- (1) a. Ὁ ἔμπορος ὅταν τελειωθῆ *ὁ καιρὸς* αὐτοῦ, σπουδάζει ἀπελθεῖν εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ· καὶ ὁ μοναχὸς, ὅσον ἀκμὴν ὑπολείπεται ὁ καιρὸς τῆς πράξεως αὐτοῦ, λυπεῖται χωρισθῆναι ἐκ τοῦ σώματος αὐτοῦ· καὶ ὅταν αἰσθανθῆ ἔν τῃ ψυχῇ αὐτοῦ ὅτι ἐξηγόρασε τὸν καιρὸν καὶ ἔλαβε τὸν ἀρραβῶνα αὐτοῦ, ἐπιθυμεῖ τὸν μέλλοντα αἰῶνα. (Pirard, 2012, p. 554)
- b. Negotiator, sua finita negotiatione, properat ire in domum suam; et monachus, residuum vite sue, futurum desiderat seculum, quoniam redemit tempus suum et arram recipit suam.⁵
- c. Mercator, quando perficitur tempus actionis sue, ire festinant in domum suam; et monachus, quando diminuitur tempus actionis sue, contristatur discedere a corpore suo et, postquam percipit in anima sua quod redemit tempus et recepit arram suam, seculum futurum affectat.⁶
- (2) a. Ὁ ἔμπορος ὅσον ἐστὶν ἐν τῇ θαλάσῃ, ὁ φόβος ἐν τοῖς μέλεσιν αὐτοῦ ἐστὶ, μήπως ἐπαναστῶσιν αὐτῷ τὰ κύματα καὶ βυθισθῆ ἢ ἐλπίς τῆς ἐργασίας αὐτοῦ· καὶ ὁ μοναχὸς, ὅσον ἐστὶν ἐν τῷ κόσμῳ, ὁ φόβος κατακρατεῖ τῆς πολιτείας αὐτοῦ, μήπως ἐξυπνισθῆ ὁ χειμῶν κατ' αὐτοῦ καὶ ἀπολεσθῆ τὸ ἔργον αὐτοῦ τὸ ἐκ τῆς νεότητος αὐτοῦ ἕως γήρωσ αὐτοῦ. (Pirard, 2012, p. 554-5)

¹ O texto-base da edição de Pirard (2012) foi o cód. Suppl. gr. 693, Bibliothèque Nationale (Paris), s. IX, ff. 1r-78v. Em sua edição, utiliza parênteses angulados para assinalar adições a partir do texto siríaco ou de conjectura do editor e asteriscos para remeter a comentário relativo às tradições siríaca e grega.

² *U* = *Clm 23624*, Bayerische Staatsbibliothek (Munique), s. XIII.2, ff. 69r28-70v17; e *A* = *311*, Biblioteca Città di Arezzo (Arezzo), s. XIII ex.-XIV in., ff. 367v12-369r26: trata-se de dois dos mais antigos testemunhos dessa versão latina.

³ *M* = *A 49 sup.*, Biblioteca Pinacoteca Accademia Ambrosiana (Milão), s. XIII, ff. 70r9-72v10; e *C* = *Typ 146*, Houghton Library/Harvard University (Cambridge), ca. 1430, ff. 156r25-158v21.

⁴ Em *U* e *A*, a seção em questão começa como um capítulo independente, mas em *M* e *C* é apenas continuação de capítulo iniciado antes.

⁵ sua finita negotiatione] *A*: sorte sua finita; in] *A*: om.; residuum] *A*: residuo; desiderat seculum] *A*: seculum desiderat.

⁶ festinant] *C*: festinat; arram suum] *C*: ar<r>am suam.

- b. *Quandiu negotiator est in mari, timor possidet mentem ejus, ne forte fluctus surgant in eum et submergatur spes operationis sue; et monachus, quandiu est in mundo, timor detinet conversationem suam, ne forte insurgat contra ipsum yems et amittat quod est usque ad senium operatur.*⁷
- c. *Mercator, quandiu est in mari, timor est in membris ejus, ne forte insurgant in eum fluctus et summergatur spes operationis sue; et monachus, quandiu est in mundo hoc, timor occupat conversationem suam, ne contra eum expergefiat yemps et pereat opus suum quod a juventute sua usque ad senectutem est operatus.*⁸
- (3) a. Ὁ ἔμπορος τὴν χέρσον θεωρεῖ, καὶ ὁ μοναχὸς τὴν ὥραν τοῦ θανάτου. Ὁ ναύτης τοὺς ἀστέρας βλέπει, ὅταν διαβαίνει ἐν μέσῳ τῆς θαλάσσης, καὶ πρὸς τοὺς ἀστέρας κατευθύνει τὸ πλοῖον αὐτοῦ, ἕως ἂν φθάσῃ τὸν λιμένα· καὶ ὁ μοναχὸς εἰς τὴν εὐχὴν βλέπει, διότι διορθοῖ αὐτὸν καὶ κατευθύνει τὴν πορείαν αὐτοῦ πρὸς ὅποιον λιμένα εὐθύνει ἢ πολιτεία αὐτοῦ· (Pirard, 2012, p. 555)
- b. *Negotiator, aridam; et monachus inspicit horam mortis. Nauta stelle considerationem dirigit navem suam; et monachus orationem respicit, quia corrigit se ipsum et dirigit viam suam ad qualemcumque partem tendit conversatio sua.*⁹
- c. *Mercator respicit terram; et monachus, horam mortis. Nauta stellas respicit, cum navigat in medio maris, et secundum stellas dirigit navem suam, donec perveniat in portum; et monachus ad orationem respicit, quia corrigit eum et dirigit viam suam ad qualemcumque portum dirigit conversatio sua.*¹⁰
- (4) a. Ἐν τῇ εὐχῇ θεωρεῖ ὁ μοναχὸς καθ' ὥραν, < ἵνα δεῖξῃ αὐτῷ > τὴν νῆσον, ἐν ἣ δῆσαι τὸ πλοῖον αὐτοῦ, ἐκ τοῦ φόβου, καὶ ἐκεῖθεν ἐφοδιάζεται καὶ εὐθύνεται πάλιν εἰς ἄλλην νῆσον. (Pirard, 2012, p. 555)
- b. *Monachus in oratione que fit per horam videt insulam, in qua alligabit naviculam suam, et inde ammiculatus iterum transit ad aliam insulam.*¹¹
- c. *Mercator respicit insulam, in qua liget navem suam, et inde viatica summit et iterum dirigitur ad aliam insulam.*¹²

⁷ surgant] A: insurgat; in eum] A: om.; submergatur spes] A: sumergat spem; ipsum] A: eum; operatur] A: operatus.

⁸ insurgant] C: insurgunt; timor] C: et timor; eum] M: Na margem externa; quod] C: et quoniam.

⁹ inspicit] U: Na margem externa consta igualmente inspicit, por outro punho; considerationem] A: consideratione; navem suam] A: viam suam vel navem; partem] A: portum; conversatio] A: conversatione.

¹⁰ horam] M: Precedido por ad subpontilhado; maris] C: mari; dirigit] C: dirigitur.

¹¹ videt] A: videlicet; naviculam] A: naviculam vel animam.

¹² viatica] C: viaticum; iterum] C: om.; dirigitur] C: dirigit.

- (5) a. Οὕτως ἐστὶν ἡ πορεία τοῦ μοναχοῦ ὅσον ἐστὶν ἐν τῇ ζωῇ ταύτῃ· ἀπὸ νήσου εἰς νήσον διαβαίνει, καὶ ἀπὸ γνώσεως εἰς γνῶσιν, καὶ ἐν τῇ ἀλλαγῇ τῶν νήσων συνανατᾷ τὴν *ἄλλην τῆς γνώσεως*, ἕως ἂν ἔλθῃ ἐκ τῆς θαλάσσης καὶ πρὸς τὴν πόλιν τὴν ἀληθινὴν ἐκείνην καταφθάσῃ ἡ πορεία αὐτοῦ, ἐν ἧ ὁ οἰκοῦντες ἐν αὐτῇ οὐκ ἐμπορεῦνται πάλιν, ἀλλ' ἕκαστος ἐν τῷ πλούτῳ αὐτοῦ ἐπαναπαύεται. (Pirard, 2012, p. 555)
- b. Sicut est via transeuntis de scientia ad scientiam et profectu scientiarum proficit, donec ascendat de mari et ad civitatem veram perveniat via sua, in qua habitantes non amplius negotiantur, sed unusquisque in suis divitiis requiescit.¹³
- c. Ita est viagium monachi: quandiu est in hac vita, de insula transit ad insulam, videlicet, de scientia in scientiam, et in mutatione insularum, scilicet, scientiarum, oviat alii scientie, donec veniat de mari et ad veram civitatem applicet iter suum, cujus habitatores non mercantur ultra, sed unusquisque in suis divitiis requiescit.¹⁴
- (6) a. Μακάριος ὅστις ἡ πορεία αὐτοῦ οὐ συγχυθῆ ἐν τῷ κόσμῳ τούτῳ τῷ ματαίῳ, ἔσωθεν τῆς μεγάλης θαλάσσης ταύτης· μακάριος ὅστις τὸ πλοῖον αὐτοῦ οὐκ ἐκλάσθη, καὶ φθάσει ἐν χαρᾷ πρὸς τὸν λιμένα. (Pirard, 2012, p. 555)
- b. Beatus cujus via non est confusa in hoc mundo magno, idest, mari magna, et pervenit cum gaudio ad portum.¹⁵
- c. Beatus est cujus iter non confunditur in hoc mundo vano intra hoc mare magnum. Beatus est cujus navis non est confracta et cum gaudio pervenit ad portum.
- (7) a. Ὁ νηχόμενος, γυμνὸς καταδύνει ἐν τῇ θαλάσσει, ἕως ἂν εὔρη τὸν μαργαρίτην· καὶ ὁ σοφὸς μοναχός, γυμνὸς διαπορεύεται ἐν τῷ βίῳ, ἕως ἂν εὔρη ἐν ἑαυτῷ τὸν μαργαρίτην Ἰησοῦν Χριστόν, καὶ ὅταν εὔρη αὐτόν, οὐκέτι κτᾶται σὺν αὐτῷ τί τῶν ὄντων. (Pirard, 2012, p. 555)
- b. Qui natat nudus mergitur in mari, donec inveniat margaritam; et sapiens monachus nudus perambulat in hac vita, donec inveniat sibi monachorum margaritam: Jhesum Christum. Et, cum invenerit Ipsum, non amplius possidet cum Ipso aliquid entium.¹⁶

¹³ Sicut] A: Sic; via] A: via monachi; via] A: vita; negotiantur] A: negotiatur.

¹⁴ Ita...insulam] C: om.; mutatione] C: mutationem; et] C: om.; applicet] C: ibique applicet.

¹⁵ magna] A: magno.

¹⁶ non] A: nichil; aliquid] A: om.

- c. Qui nat<at> nudus mergitur in mari, donec inveniatur margaritam; et sapiens monachus nudus ambulat in vita, donec inveniatur in se margaritam Ihesum Christum, et, postquam invenit Eum, non retinet ulterius secum aliquid ex hiis que hic sunt.¹⁷
- (8) a. Ὁ μαργαρίτης ἐν τοῖς ταμείοις φυλάττεται· καὶ ἡ τρυφή τοῦ μοναχοῦ ἔσωθεν τῆς ἡσυχίας συντηρεῖται. Ἡ παρθένος ἐν ταῖς συναγωγαῖς καὶ τοῖς πλήθεσι τῶν λαῶν καταβλάπτεται· καὶ ἡ διάνοια τοῦ μοναχοῦ ἐν ταῖς τῶν πολλῶν συντυχίαις. (Pirard, 2012, p. 556)
- b. Margarita in penetralibus custoditur; et voluntas monachi intus in quietudine conservatur. In congregatione et multitudine virgo maculatur; et mens monachi in multorum locutionibus violatur.¹⁸
- c. Margarita in cameris custoditur; et delectatio monachi intra quietudinem conservatur. Virgo patitur in congregationibus et populorum multitudine detrimentum; et animus monachi in colloquiis multorum.¹⁹
- (9) a. Τὸ ὄρνεον ἐκ παντὸς τόπου πρὸς τὴν καλιὰν αὐτοῦ τρέχει τοῦ ποιῆσαι τέκνα· καὶ ὁ μοναχὸς ὁ ἔχων διάκρισιν ταχύνει εἰς τὸ σκίνωμα αὐτοῦ, τοῦ ποιῆσαι ἐν αὐτῷ καρπὸν ζωῆς. (Pirard, 2012, p. 556)
- b. Avis ab omni loco currit ad nidum suum, ut faciat pullos suos; et monachus, habens discretionem, accelerat ad habitaculum suum, ut in se ipso faciat fructus vite.²⁰
- c. Volatile currit ab omni in loco in nidum suum ad procreationem pullorum; et monachus qui discretionem habet festinat in tabernaculum suum ad fa<ci>endum in ipso fructum vite.²¹
- (10) a. Ὁ ὄφις, ὅταν θλασθῇ ὅλον τὸ σῶμα αὐτοῦ, τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ τηρεῖ· καὶ ὁ σοφὸς μοναχὸς *παραφυλάττεται* ἐν παντὶ κα<κ>ῶ τὴν πίστιν αὐτοῦ, ἥτις ἐστὶν ἀρχὴ τῆς ζωῆς αὐτοῦ. Νεφέλη καλύπτει ἥλιον· καὶ λόγοι πολλοὶ τὴν ψυχὴν τὴν ἀρξάμενην φωτίζεσθαι ἐν τῇ θεωρίᾳ τῆς εὐχῆς καλύπτουσι. (Pirard, 2012, p. 556)
- b. Serpens, cum fractum fuerit totum corpus ejus, custodit caput; et monachus, ab omni malo fidem suam que est principium vite sue. Nubes operit solem; et multa verba operiunt animam incipientem illuminari in contemplatione orationis.²²

¹⁷ nat<at>] C: natat; in se] C: Na margem externa; Eum] M: Na entrelinha superior; ex hiis] C: om.

¹⁸ quietudine] A: quietudinem com m cancelado por ponto subscripto; locutionibus] A: locutione.

¹⁹ delectatio] C: dilectio; patitur] C: propter verecundiam patitur; animus] C: anima.

²⁰ ut] A: ubi.

²¹ in] M: Na entrelinha superior; fa<ci>endum] C: faciendum.

²² est] A: est enim.

- c. Serpens, cum confractum fuerit totum corpus suum, capud suum custodit; et sapiens monachus precavet in omni tempore fidei sue que est principium vite sue. Nubes velat solem; et verba multa velant anima que incepit illuminari in contemplatione orationis.²³
- (11)a. Τὸ ὄρνεον τὸ καλούμενον ἐρωδιός, ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ εὐφραίνεται καὶ ἀγαλλιᾶται, κατὰ τὸν λόγον τῶν σοφῶν, ὅταν ἀφορίσῃ ἑαυτὸν ἐκ τῆς οἰκουμένης καὶ πορευθῆ ἑῖς ἔρημον τόπον καὶ οἰκήσῃ ἐν αὐτῷ. Οὕτως καὶ ἡ ψυχὴ τοῦ μονάζοντος· ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ δέχεται τὴν οὐράνιον χαρὰν, ὅταν μακρυνθῆ ἐκ τῶν ἀνθρώπων, καὶ ἀπελθὼν οἰκήσῃ ἐν τῇ χώρᾳ τῆς ἡσυχίας καὶ ἐκεῖ προσδοκῆσῃ τὸν καιρὸν τῆς ἐξόδου αὐτῆς. (Pirard, 2012, p. 556)
- b. Herodius, secundum dicta sapientum, tunc exultat et letatur, quando est in deserto; et anima monachi tunc gaudium celeste accipit, cum elongaverit se ab hominibus et, vadens, habitat in regione quietis, exspectans tempus exitus sui.
- c. Avis que vocatur herodius in illo tempore letatur et exultat, juxta sermonem sapientum, quando segregat se de habitato orbe et pergit in heremum locum et habitat in ipso; ita et animam monachi in illo tempore recipit gloriam celestem, quando ab hominibus se elongat et pergit et habitat in terram quietudinis et ibi expectat tempus exitus sui.²⁴
- (12)a. Ἐρρέθη περὶ τοῦ ὄρνέου τοῦ λεγομένου σειρήνος, ὅτι ἕκαστος ἀκούων τοῦ μέλους τῆς φωνῆς αὐτοῦ, οὕτως ὅλως αἰχμαλωτίζεται ὀπίσω αὐτοῦ ἐν τῇ ὁδοιπορίᾳ τῆς ἐρήμου, ἕως ἂν ἐπιλάβηται ἐν τῇ ἡδύτητι τοῦ μέλους, καὶ αὐτῆς τῆς ζωῆς καὶ πέσει καὶ ἀποθάνῃ. (Pirard, 2012, p. 556-557)
- b. Dicitur de serena quod, audiens vocem modulationis ipsius, proprii obliviscitur itineris et, cantus dulcedine captus, cadens moritur.²⁵
- c. Dictum est de avi que dicitur syrenus quod quicumque audit melodiam vocis sue ita trahitur post eam in itinere deserti quod obliviscitur in dulcedine cantus etiam et ipsius vite et cadit et moritur.²⁶
- (13)a. Τοῦτῳ ἀπεικάζεται τῷ πράγματι τῆς ψυχῆς· ὅταν ἡ γλυκύτης ἢ οὐράνιος ἐμπέσῃ ἐν αὐτῇ, ἐκ τοῦ μέλους τῆς ἡδύτητος τῶν λογίων τοῦ Θεοῦ τῶν ἐμπιπτόντων ἐν αἰσθήσει ἐν τῷ νοί, οὕτως ὅλη ἀπέρχεται ὀπίσω αὐτῆς, ἕως ἂν ἐπιλάβηται τῆς ζωῆς ταύτης τῆς σωματικῆς καὶ στερηθῆ τὸ σῶμα τῶν ὀρέξεων αὐτοῦ καὶ ὑψωθῆ πρὸς τὸν Θεὸν ἐκ τῆς ζωῆς ταύτης. (Pirard, 2012, p. 557)

²³ confractum] C: fractum; anima] C: animam; incepit] C: incipit.

²⁴ orbe] C: urbe; animam] C: anima; gloriam] C: gratiam; terram] C: terra.

²⁵ serena] A: syrena; modulationis ipsius] A: ipsius modulationis.

²⁶ syrenus] C: syren.

- b. Sic et res anime: cum pervenit in ipsa dulcedo celestis pre modulatione suavitatis verborum Dei que subintrant cum sensu intellectum, sic tota abiit post ipsam, ut obliviscatur istius vite temporalis et destruat corpus delectationibus suis et exaltatur ad Deum de vita sua.²⁷
- c. Hoc assimilatur negotio anime: nam, quando celestis dulcedo incidit in ipsam ex dulcedine melodie eloquiorum Dei qui incidunt sensibiliter in mente, ita pergit tota post ipsam, quod obliviscitur hujus vite corporalis et privatur corpus appetitu suo et exaltatur ipsa ad Deum de vita ista.²⁸
- (14)a. Δένδρον, ἐὰν μὴ ἀποβάλλῃ πρῶτον τὰ φύλλα τὰ πρότερα, οὐκ ἐκφέρει τοὺς νεαροὺς κλάδους· καὶ μοναχός, ἕως ἂν ἀπορρίψῃ ἀπὸ τῆς καρδίας αὐτοῦ τὴν μνήμην τῶν προτέρων αὐτοῦ, οὐκ ἐκφέρει νεαροὺς κλάδους ἐν Ἰησοῦ Χριστῷ. Ἄνεμος λυπαίνει τοὺς καρπούς· καὶ *ἡ μέριμνα* τοῦ Θεοῦ τοὺς καρπούς τῆς ψυχῆς. (Pirard, 2012, p. 557)
- b. Arbor, nisi abiciat priora folia, non producit recentes ramos; et monachus, nisi prius proiciat a corde suo memoriam priorum, non producit recentes ramos et fructus in Christo Jhesu. Ventus impingat; et sollicitudo Dei, fructus anime.²⁹
- c. Arbor, nisi prius deponat prima folia sua, non producit novos ramos; et monachus, nisi abiciat de corde suo memoriam priorum rerum, non profert novos fructus et ramos in Christo. Ventus impinguat fructus; et sollicitudo Dei, fructus anime.³⁰
- (15)a. Μύαξ ἐν ᾧ ὁ μαργαρίτης τίκεται, γίνεται ἐν αὐτῷ εἶδος τι σπινθήρος ἐκ τῆς ἀστραπῆς, καὶ ἐκ τοῦ ἀέρος δέχεται τὴν ὕλην, καθὼς λέγει ὁ λόγος, καὶ ἕως τούτου σάρξ ἐστι ψιλὴ· καὶ ἡ καρδία τοῦ μοναχοῦ, ἕως ἂν δέξῃται τὴν ὕλην τὴν οὐράνιον ἐν συνέσει, τὸ ἔργον αὐτῆς ψιλόν ἐστι καὶ οὐκ ἔχει ἔσωθεν τοῦ μυάκος τὸν καρπὸν τῆς παρακλήσεως. (Pirard, 2012, p. 557)
- b. —
- c. In pīna in qua oritur margarita gignitur species quedam scintille a fulmine et ab aere materiam recipit sicut sermo narrat et usque tunc est simplex caro et cor monachi quousque recipiat materiam celestem in intellectu opus ejus nudum est nec habet intra penitentiam consolationis fructum.³¹

²⁷ delectationibus] A: a delectationibus; sua] A: ista.

²⁸ Hoc] C: Hec; incidit] C: incipit; qui] C: que; quod] C: et.

²⁹ priora folia] A: folia priora; Jhesu] A: om.; impingat] A: inpingnat fructus.

³⁰ de...rerum] C: de memoria sua res priores.

³¹ pīna] C: pīma (Não está claro o que as abreviaturas dos dois testemunhos representam: o gr. μύαξ, lat. myax, foi usado no sentido de mexilhão em que se forma uma pérola; a forma mais próxima seria o lat. perna, que pode significar a mesma coisa); species quedam] C: quedam species; fulmine] C: flumine; tunc] C: nunc; materiam] C: naturam.

- (16)a. Ὁ κύων ὁ λείχων τὸ ρίνιν, ἐκ τοῦ αἵματος αὐτοῦ πίνει, καὶ οὐκ οἶδε τὴν βλάβην αὐτοῦ ἐκ τῆς γλυκύτητος τοῦ αἵματος αὐτοῦ· καὶ ὁ μοναχὸς ὁ κλίνων πιεῖν κενοδοξίαν, ἐκ τῆς ζωῆς αὐτοῦ συμπίνει καὶ οὐκ αισθάνεται τῆς βλάβης αὐτοῦ ἐκ τῆς γλυκύτητος τῆς ἐν ὥρᾳ γινομένης. Ἡ δόξα ἢ κοσμικὴ, ὡς πέτρα ἐστὶν ἐν τῇ θαλάσῃ σκεπαζομένη ἐκ τῶν ὑδάτων καὶ οὐ γινώσκειται τῷ ναύτῃ, ἕως ἂν κρούσῃ καὶ ὀπηθῇ ἐν αὐτῇ τὸ πλοῖον κάτωθεν καὶ πληρωθῇ ὕδατος· οὕτως ἡ κενοδοξία ποιεῖ εἰς τὸν ἄνθρωπον ἕως ἂν βυθίσῃ αὐτὸν καὶ ἀπολέσῃ αὐτὸν· ἐρρέθη περὶ αὐτῆς τοῖς πατράσιν, ὅτι *ἐν αὐτῇ* πάλιν στρέφονται πάντα τὰ πάθη ἐν τῇ ψυχῇ τὰ ἅπαξ ἢ ττηθέντα καὶ ἐξελθόντα ἐξ αὐτῆς. (Pirard, 2012, p. 558)
- b. Canis qui lingit ulcera sua proprium sanguinem bibit et nocumentum non sentit proprium propter dulcedinem que fit ad horam. Sic et monachus, vanam gloriam bibens, propriam vitam consumit et non sentit nocumentum propter dulcedinem que fit ad horam glorie secularis. Dixerunt patres: in animam vana gloriosam vitia revertuntur que prius subjecta fuerant et expulsa.³²
- c. Canis qui lunera(?) la<m>bit de sanguine suo bibit, nec novit nocumentum suum ob dulcedinem proprii sanguinis; et monachus qui declinat ad bibendum vanam gloriam de vita sua bibit, nec sentit nocumentum suum pre dulcedine que fit ad horam. Gloria secularis lapis est in mari ab aquis recta et ignoratur naute, donec perforetur ab ea navis de subtus et repleatur aqua; ita et vana gloria facit in homine, donec summergat et perdat eum. Dictum est a patribus de ipsa quoniam per ea redeunt iterum omnia vitia in animam que semel devicta sunt et recesserunt ab ipsa.³³
- (17)a. Νεφέλη μικρὰ σκεπάζει τὸν κύκλον τοῦ ἡλίου, καὶ ὁ ἥλιος μετὰ τὴν νεφέλην λίαν ἐστὶ *θερμὸς*· καὶ ἀκηδία μικρὰ σκεπάζει τὴν ψυχὴν, καὶ ἡ χαρὰ ἢ μετ' αὐτὴν μεγάλη ἐστὶ. Τοῖς λόγοις τῶν μυστηρίων τῶν ἐν τῇ θεῖᾳ γραφῇ, χωρὶς εὐχῆς καὶ αἰτήσεως βοήθειας παρὰ Θεοῦ, μὴ προσεγγίσης, ἀλλὰ λέγε· “Κύριε, δός μοι λαβεῖν αἴσθησιν τῆς δυνάμεως τῆς ἐν αὐτοῖς”. (Pirard, 2012, p. 558)
- b. Nubes parva cooperit circulum, et sol, cum nube fervescit multum, et mestitia modica cooperit animam, si inde ejus gaudium existit magnum. Verbis misteriorum Divine Scripture sine petitione et oratione et adjutorio Dei ne appropies, sed dic: “Domine, da michi sensum virtutis accipere que in ipsa est”.³⁴

³² ulcera sua] A: sua ulcera; proprium] A: proprium prius; fit...secularis] A: ad horam glorie secularis fit; fuerant] A: erant.

³³ lunera(?) la<m>bit] C: vulnera lambit; sentit nocumentum suum] C: sentit nocumentum; ignoratur] C: ignorant; per ea] C: per eam.

³⁴ circulum] A: oculus solis; fervescit] A: fervet; si inde] A: sed tamen; adjutorio Dei] A: Dei adjutorio; ne] A: non; sensum virtutis accipere] M: sensum accipere (accipere *cancelado por pontos subscritos*) virtutis accipere, C: accipere sensum virtutis.

- c. Parva nubes regit circulum solis et sol qui est post nubem valde calidus est et accidia parva regit animam et gaudium quod est post ipsam. Magnum est verbis misteriorum que sunt in Divina Scriptura. Sine oratione ac supplicatione et auxilio Dei non appropinques, sed dic: “Domine, da michi percipere virtutem que est in ipsis”.³⁵
- (18)a. Κλεῖδα τῶν νοημάτων τῶν ἀληθινῶν, τῶν ἐν ταῖς θεαῖς γραφαῖς, τὴν εὐχὴν λόγισαι εἶναι. Ὅταν θελήσης προσεγγίσει τῷ Θεῷ τῇ καρδίᾳ σου, πρῶτον ἐν τοῖς σωματικοῖς κόποις δεῖξον αὐτῷ τὸν πόθον σου· ἐκ τούτων ἐστὶν ἡ ἀρχὴ τῆς πολιτείας. Μεγάλως γὰρ προσεγγίζει ἡ καρδία τῷ Θεῷ ἐν τῇ ἐνδεΐᾳ τῆς χρείας ἐν τῇ ἀσκήσει τοῦ ἐνὸς εἶδους {τῆς τροφῆς}, καὶ ἀκολουθεῖ τοῖς ἔργοις. Καὶ ὁ Κύριος ἐκ τούτου ἐποίησε τὸν θεμέλιον τῆς τελειώσεως. (Pirard, 2012, p. 559)
- b. Clavem intellectuum verorum qui sunt in Divinis Scripturis existima orationem esse. Cum volveris appropinquare Deo corde tuo, prius in temporalibus ostende laborem tuum. Ex his enim principium conversationis. Multum enim appropinquat cor Deo in subtractione necessitatis in abstinentia unius speciei cibi et sequitur operibus et Dominus ex hoc fecit fundamentum humilitatis.³⁶
- c. Claves veracium intellectuum que sunt in Sacris Scripturis reputa esse orationes. Cum volveris appropinquare Deo corde tuo, prius in laboribus corporalibus ostendas Ei desiderium tuum, quoniam ab ipsis est initium conversationis. Multum enim appropinquat cor Deo in egestate necessarij usus et coartatione cibi unius speciei et imitatione operum. Nam et Dominus ex hoc fecit fundamentum perfectionis.³⁷
- (19)a. Λόγισαι τὴν ἀρχίαν ἀρχὴν σκοτώσεως τῆς ψυχῆς· σκότωσις δὲ ἐπὶ σκοτώσιν αἱ συντυχίαι τῶν λόγων, ἀφορμὴ δὲ τοῦ προτέρου τὸ δεύτερον. Καὶ οἱ λόγοι τῆς ὠφελείας, οἱ ἀμέτρως γινόμενοι, σκότωσιν ἐμποιοῦσιν· εὐτελίζεται γὰρ ἡ ψυχὴ ἐν τῷ πλήθει τῆς ὁμιλίας, *καὶ ἐὰν* ἡ παρασκευὴ αὐτῆς εἰς τὸν φόβον τοῦ Θεοῦ ἐστὶν. (Pirard, 2012, p. 559)
- b. Extima otiositatem principium obtenebrationis anime. Obtenebrationes autem super obtenebrationes collocutiones sermonum. Primum occasio est secundi; et secundum, primi. Et utiles sermones sine mensura prolati obtenebrationem faciunt. Vilificatur enim anima multitudine collocutionis, quamvis preparatio ejus sit in timore Dei.³⁸

³⁵ circulum] C: oculum; valde calidus] C: calide; et accidia...quod est] C: om.; ac] C: et; Domine, da michi] C: Da michi, Domine.

³⁶ existima orationem] A: orationem existima; corde] A: in corde; his] A: hiis; enim] A: est.

³⁷ ostendas] C: ostende.

³⁸ obtenebrationes] A: tenebrationes sunt.

- c. Reputa autem otium esse initium obtenebrationis anime. Tenebrationem vero super tenebratione verborum occursus. Occasio quoque primi est secunda. Etsi verba utilitatis que immoderate fiunt tenebrationem faciunt, quanto potius vana. Invilescit anima in habundantia multe locutionis, quamquam sit ejus preparatio in timore Dei.³⁹
- (20)a. Ἡ σκότωσις τῆς ψυχῆς ἐκ τῆς ἀταξίας τῆς πολιτείας γίνεται. Τὸ μέτρον καὶ ὁ καιρὸς ἐν τῇ πολιτείᾳ, φωτίζουσι τὴν διάνοιαν καὶ τὴν σύγχυσις ἀποδιώκουσιν· ἡ σύγχυσις τῆς διανοίας, ἡ ἀπὸ τῆς ἀταξίας, σκότωσιν ποιεῖ, καὶ ἡ σκότωσις θόλωσιν ἐμποιεῖ τῇ ψυχῇ. Ἡ εἰρήνη ἐκ τῆς τάξεως γίνεται· καὶ τὸ φῶς ἐκ τῆς εἰρήνης γεννᾶται ἐν τῇ ψυχῇ, καὶ ἐκ τῆς εἰρήνης ὁ καθαρὸς ἀήρ ἐν τῇ διανοίᾳ. (Pirard, 2012, p. 559-560)
- b. Obtenebratio anime ex inordinatione conversationis. Mensura et tempus in conversatione illuminant mentem et confusionem expellunt. Confusio mentis que est ab inordinatione obtenebrationem facit in anima; et obtenebratio, turbationem. Pax ex ordinatione fit; et lux ex pace nascitur in anima, et ex luce et pace mundus aer in mente.⁴⁰
- c. Tenebratio anime ab moderatione conversationis fit. Mensura et tempus in conversatione illuminat animum et confusionem excludunt. Confusio animi que ab immoderatione fit tenebrationem facit anime; et tenebratio, turbationem. Pax fit ab ordinatione. Bona lux vero a pace oritur in anima, et ex luce quoque ac pace serenus aer animo irradiat.⁴¹
- (21)a. Καὶ πρὸς τὸ μέτρον τοῦ πελασμοῦ τῆς καρδίας πρὸς τὴν σοφίαν, τοσοῦτον δέχεται τὴν χάριν παρὰ τοῦ Θεοῦ. Διάκρισις τῆς σοφίας τοῦ πνεύματος ἐκ τῆς τοῦ κόσμου αισθάνη ἐν τῇ ψυχῇ σου· ἐν γὰρ τῇ σοφίᾳ τοῦ πνεύματος ἡ σιωπὴ κατακρατεῖ τῆς ψυχῆς σου, ἐν δὲ τῇ κοσμικῇ σοφίᾳ ἡ πηγὴ τοῦ μετεωρισμοῦ. (Pirard, 2012, p. 560)
- b. Et secundum mensuram appropinquationis cordis ad sapientiam sic suscipit gratiam a Deo. Discretio sapientie spiritus ex munda mente, sicut enim sentis in anima, quia in sapientia spiritus silentium tenet in anima, in sapientia autem mundana fons occupationis.⁴²

³⁹ autem] *C: om.*; tenebratione] *C: tenebrationem*; verborum occursus] *C: occursus verborum*.

⁴⁰ Obtenebratio] *A: Obtenebratio fit*; illuminant] *A: illuminat*; expellunt] *A: expellit*; aer] *A: aet*.

⁴¹ moderatione] *C: immoderatione*; illuminat] *C: illuminant*; et confusionem] *C: confusionemque*; immoderatione] *M: immoderati, com r e one na entrelinha superior*; ordinatione] *M: ordina, com tione na entrelinha superior*; Bona] *C: Adjetivo vinculado a ordinatione, e não a lux*; irradiat] *M: Seguido de in margem externa*.

⁴² sapientie spiritus] *A: spiritus sapientie*; sicut enim] *A: et sic est cum*; anima] *A: anima tua*.

- c. Et secundum mensuram appropinquationis cordis ad sapientiam spiritus a peregrinatione mundi, in tantum recipit gratiam a Deo, et discretionem sapientie spiritus a sapientia mundi percipit in anima sua. In appropinquatione namque sapientie et spiritus silentium occupat animam. In sapientia vero mundi fons elationis.
- (22)a. Καὶ μετὰ τὴν εὐρεσιν τῆς πρώτης σοφίας, πληροῦσαι ταπεινοφροσύνης πολλῆς καὶ ἐπιεικειᾶς καὶ εἰρήνης, τῆς βασιλευούσης πάντων τῶν λογισμῶν σου, καὶ τὰ μέλη σου παύσονται καὶ ἡσυχάσουσιν ἐκ τῆς ταραχῆς καὶ τοῦ *στρινιασμοῦ*· μετὰ δὲ τὴν εὐρεσιν τῆς δευτέρας σοφίας, κτᾶσαι τὴν ὑπερηφανίαν ἐν τῷ φρονήματί σου, καὶ λογισμοὺς παρηλλαγμένους ἀρρήτους καὶ ταραχὴν τοῦ νοῦς καὶ ἀναίδειαν τῶν αἰσθήσεων καὶ *γαυρίασιν*· Μὴ νομίσης, ὅτι παρρησιασθήσεται ἐν προσευχῇ ἐνώπιον τοῦ Θεοῦ ἄνθρωπος δεδεμένος ἐν τοῖς σωματικοῖς. (Pirard, 2012, p. 560-561)
- b. Post inventionem autem prime sapientie impleris humilitate multa et mansuetudine et pace regenerantis super omnes cogitatus tuos et membra tua cessabunt et quiescent ex turbatione et inquietudine. Post inventionem secunde sapientie presides superbiam in sensu tuo et cogitationes immutatas indicibiles et turbationem intellectus et obdurationem sensuum et elevationem. Ne extimes hominem fiducialiter agere in oratione temporalibus colligatum.⁴³
- c. Post inventionem autem sapientie prime repleris humilitate multa et benignitate ac pace regnante super omnes cogitationes tuas, exinde membra tua cessant et cum quiescunt a conturbatione titillationis. Post inventionem vero secunde sapientie acquiris superbiam in sensu tuo et cogitationes alteratas ineffabiles et turbationem mentis et impudicitiam sensuum et rabiem. Ne putes quod saturitatem habeat in oratione coram Deo homo ligatus in corporalibus.⁴⁴
- (23)a. Ψυχὴ *σκνιφεύουσα* στερεῖται τῆς σοφίας· ἡ δὲ ἐλεήμων σοφισθήσεται παρὰ τοῦ Πνεύματος. Ὡσπερ ἔλαιον εἰς φαῦσιν τῆς λαμπάδος, οὕτως ἡ ἐλεημοσύνη τρέφει τὴν γνῶσιν ἐν τῇ ψυχῇ. Ἡ κλεῖς τῆς καρδίας τῶν θείων χαρισμάτων, ἐν τῇ ἀγάπῃ τοῦ πλησίον δίδεται· καὶ κατὰ τὸ μέτρον τῆς λύσεως τῆς καρδίας ἐκ τοῦ δεσμοῦ τοῦ σώματος, κατὰ τοσοῦτον ἀνοίγεται ἔμπροσθεν αὐτοῦ ἡ θύρα τῆς γνώσεως. (Pirard, 2012, p. 561)

⁴³ regenerantis] A: regeneratis; quiescent] A: requiescent; inventionem] A: inventionem autem; presides] A: possidens; cogitationes] A: cogitationes tuas; fiducialiter agere in oratione] A: in oratione fiducialiter agere coram Deo; colligatum] A: obligatus.

⁴⁴ inventionem] C: inadunctionem; sapientie prime] C: prime sapientie; cum quiescunt] C: acquiescunt; conturbatione] C: turbatione.

- b. [UAM:]⁴⁵ Anima fraudulenta defraudatur sapientia. Misericors autem sapientia a spiritu haurietur. Sicut oleum splendorem lampadis sic elemosina nutrit anime cognitionem. Clavis cordis divinorum donorum in caritate proximorum datur. Et secundum mensuram solis corde ex vinculis corporis tantum aperitur coram ipso hostium cognitionis.⁴⁶
- c. [C:] Anima perca privatur sapientia. Misericors vero instruetur a spiritu. Sicut oleum nutrit lumen lampadis, ita elemosina nutrit scientiam in anima. Clavis cordis divinorum carismatum in dilectione datur; et secundum mensuram dissolutionis cordis ei laqueis corporis, in tantum aperitur coram eo porta scientie.⁴⁷
- (24)a. Διάβασις τῆς ψυχῆς ἀπὸ κόσμου εἰς κόσμον, ἡ ὑποδοχὴ τῆς συνέσεώς ἐστι. Τί ὠραία καὶ ἐπαινετὴ ἡ ἀγάπη τοῦ πλησίον, ἐὰν μὴ ἡ μέριμνα αὐτῆς περισπᾶσθαι ἡμᾶς ἐκ τῆς ἀγάπης τοῦ Θεοῦ. Τί ἡδεῖα ἐστὶν ἡ συντυχία τῶν ἀδελφῶν ἡμῶν τῶν πνευματικῶν, ἐὰν δυνηθῶμεν φυλάττειν μετ’ αὐτῆς καὶ τὴν μετὰ τοῦ Θεοῦ. (Pirard, 2012, p. 561)
- b. [UAM:] Quam pulchra et laudabilis est dilectio proximi, si non sollicitudo ejus extrahat nos a dilectione Dei. Quam speciosa est collocutio spiritualium fratrum nostrorum, si possumus custodire cum ea collocationem Dei.⁴⁸
- c. [C:] Transitus anime de mundo ad mundum est susceptio intellectus. Quam pulchra Deo et laudabilis dilectio proximi, dum tamen sollicitudo ejus non retrahat nos a dilectione Dei. Quom dulce est colloquium spiritualium fratrum, si poterimus servare cum ipso quod Dei est.

3.2. DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos padrões de divergência textual entre *UA* de um lado e *MC* de outro lado aponta claramente para a hipótese de que se trate de um caso de retradução, e não de modificações típicas de processo de cópia.

Em primeiro lugar, percebe-se que há **omissões** no texto do grupo *UA*, as quais não existem no grupo *MC*. Os três exemplos mais significativos desse padrão estão nos excertos (6), (15) e (16). Em (6), o trecho *μακάριος ὅστις τὸ πλοῖον αὐτοῦ οὐκ ἐκλάσθη* corresponde a *Beatus est cuius navis non est confracta* em *MC*, mas não está presente em *UA*. Em (15), é todo

⁴⁵ A partir deste ponto, *M* muda de punho e o texto passa a ser compatível com a versão de *UA*.

⁴⁶ sic elemosina nutrit] *M*: nutrit sic elemosina nutrit; cognitionem] *A*: cogitationem; donorum] *A*: operum vel donorum; solis corde] *AM*: solutionis cordis; ipso] *A*: te; hostium] *M*: ostium; cognitionis] *A*: cogitationis.

⁴⁷ sapientia] *C*: Há um i após esta palavra.

⁴⁸ Quam pulchra] *A*: Precedido por Transitus anime a mundo in mundum susceptio intellectus est, *M*: Precedido por Transitus anime de mundo in mundum susceptio intellectus est; nos] *A*: om.; nostrorum] *A*: om.; possumus] *M*: possumus; collocationem] *A*: colloquium.

o trecho em grego que tem correspondência em *MC*, mas não em *UA*. Em (16), o longo trecho no interior desse excerto, que vai de Ἡ δόξα ἡ κοσμική α καὶ ἀπολέση αὐτὸν, aparece com a devida correspondência em *MC* (cf. *Gloria secularis...et perdat eum*), mas foi reduzido a *glorie secularis* em *UA*. Mas se poderia argumentar que essas omissões remontariam a um possível interposto que teria dado origem ao grupo *UA*, enquanto o grupo *MC* apresentaria esses trechos porque derivaria de outro interposto.

Segundamente, nota-se que há **adições** em *UA*, as quais não existem em *MC*. Um exemplo bastante significativo está no excerto (19), em que o trecho ἀφορμὴ δὲ τοῦ προτέρου τὸ δεύτερον corresponde apenas a *Occasio quoque primi est secunda* em *MC*, mas a *Primum occasio est secundi; et secundum, primi* em *UA*, com o acréscimo da segunda oração, asseverando uma reciprocidade (a primeira é causa para a segunda e a segunda é causa para a primeira) ausente no texto grego.

Um terceiro argumento para defender a existência de retradução está nas **escolhas lexicais**. O item ἔμπορος dos excertos (1) a (3) corresponde a *negotiator* em *UA*, mas a *mercator* em *MC*. Os itens πορείαν/πορεία [1ª ocorrência] dos excertos (3) e (5) correspondem respectivamente a *viam/via* em *UA*, mas a *viagium* em *MC*. O item καθαρὸς do excerto (20) corresponde a *mundus* em *UA*, mas a *serenus* em *MC*. Para evidenciar essas idiosincrasias, pode-se mencionar que, no testemunho *A*, um dos mais completos e já totalmente transcrito (Laranjeira, 2018), não há absolutamente nenhuma ocorrência das formas *mercator*, *viagium* ou *serenus*. As formas *via* e *mundus* (nas respectivas flexões), por outro lado, aparecem diversas vezes nesse testemunho.

Em quarto lugar, nota-se que o grupo *MC* apresenta **tradução mais literal** (não raramente com correspondência item a item) do que o grupo *UA*. Assim, por exemplo, vê-se que a sequência ἐν ἐκείνῳ τῷ καιρῷ no excerto (11) corresponde a *in illo tempore* no grupo *MC*, mas à forma sintética *tunc* no grupo *UA*. Outro exemplo dessa categoria pode ser visto no trecho καὶ πέσει καὶ ἀποθάνη no excerto (12), com a tradução duplamente verbal *et cadit et moritur* em *MC* (como no grego), mas verbo-nominal e verbal *cadens moritur* em *UA*.

Em quinto lugar, o grupo *MC* apresenta uma **tradução mais correta**, com formas mais fiéis ao conteúdo do texto grego. Assim, para o trecho ὁ φόβος ἐν τοῖς μέλεσιν αὐτοῦ ἐστι do excerto (2), tem-se, em *MC*, *timor est in membris ejus*, que não apenas é uma tradução mais literal (cf. a estrutura verbo de ligação + adjunto adverbial de lugar), mas também mais correta, porque os itens τοῖς μέλεσιν foram traduzidos como *membris*. Já em *UA*, tem-se *timor possidet mentem ejus*, em que a estrutura citada é reformulada sintaticamente para verbo nocional + objeto direto e ainda se traduz μέλεσιν como *mentem*. Outro exemplo pode-se ver no excerto (22), em que o grego σωματικοῖς corresponde fielmente a *corporalibus* em *MC*, mas a *temporalibus* em *UA*: não se pode considerar, porém, que esse caso seja um erro de tradução, já que o corpo pertence ao mundo temporal. Isso não significa que não haja falhas no texto de *MC*: basta consultar o excerto (4), no qual o trecho Ἐν τῇ εὐχῇ θεωρεῖ ὁ μοναχὸς καθ' ὥραν corresponde com fidelidade a *Monachus in oratione que fit per horam* em *UA*, mas erroneamente a apenas *Mercator* em *MC*.

Os padrões acima foram exemplificados com apenas alguns dados, mas uma análise exaustiva permitiria ampliar a lista de exemplos para cada padrão. Importa aqui prioritariamente mostrar os padrões, mais do que apresentar todos os casos de cada padrão. Considera-se aqui que os dados acima apresentados são suficientes para sustentar a hipótese de que se trata de uma divergência decorrente de retradução do grego para o latim.

Qual das duas traduções corresponde àquela pertencente à primeira tradução, ou seja, à tradução original? Os dados relativos aos padrões de escolhas lexicais são suficientes para responder a essa questão. Como as formas presentes em *MC* são discrepantes em relação aos padrões linguísticos da tradução latina presente fora do trecho com a divergência em discussão, então se deve deduzir que a retradução é a forma divergente presente em *MC*.

Qual é a relação genética entre os testemunhos *M* e *C*? Tendo *M* sido situado no séc. XIII e *C* em *ca.* 1430, esse dado já afasta a possibilidade de *C* ter sido modelo para *M*. Mas há elementos nos próprios excertos que confirmam isso: basta verificar, por exemplo, a omissão do trecho *Ita...insulam* no excerto (5c) em *C*, embora esteja presente em *M*, ou seja, trata-se de erro separativo de *C* contra *M* (Cambraia, 2005). A possibilidade de *M* ter sido modelo para *C*, por outro lado, é mais difícil de ser avaliada, pois muitos dos possíveis erros separativos de *M* contra *C* podem ser frutos de conjectura do copista de *C*, retificando-se uma forma equivocada de *M* para uma forma genuína em *C* sem se ter acesso ao texto grego: cf., p. ex., em (9c), *faendum*, forma incompleta em *M*, mas *faciendum*, completa, em *C*. De forma geral, do ponto de vista de conteúdo, o texto de *M* é mais genuíno (no sentido de ser compatível com o texto grego), mas, do ponto de vista linguístico, apresenta mais falhas em termos de flexão nominal e verbal do que *C*, aspectos que são perfeitamente passíveis de conjectura por um copista. No entanto, como há trecho em *M* (o trecho lavrado por um segundo punho) que é diferente de *C*, pode-se considerar que *M* não foi modelo para *C*.

Em qual língua estava o modelo adotado para a retradução? Como o testemunho *M*, que é do séc. XIII, já possui a retradução, então não lhe poderá ter sido modelo uma tradução em língua românica, uma vez que estas têm sido situadas nos sécs. XIV e XV. Ademais, nenhuma delas possui o trecho que está no excerto (15); portanto, a retradução de *MC* só pode ter vindo de outra língua. Essa questão evidencia também, inversamente, que nenhuma das línguas românicas tem seu modelo em *M* ou *C*: caso tivesse, constaria, em tese, trecho correspondente ao excerto (15). Além disso, no excerto (14), pode-se confirmar que o modelo para a retradução presente em *MC* é de fato o texto grego: Pirard (2012, p. 557) informa que, no trecho ἡ μέριμνα (lat. *solicitudo*), há no siríaco forma compatível com τὸ πνεῦμα (lat. *spiritus*), o que evidencia que a retradução latina não terá sido feita tampouco do siríaco.

O modelo grego para a retradução em *MC* terá sido o mesmo adotado para a tradução original, representada por *UA*? Há evidência de que tenham sido modelos diferentes. No excerto (10), a forma κα<κ>ῶ corresponde a *malo* em *UA*, mas a *tempore* em *MC*. Entretanto, Pirard (2012, p. 556) observa, no aparato crítico, que a forma grega foi reconstituída por conjectura a partir do texto siríaco, pois nos testemunhos gregos há primordialmente καιρῶ. Sendo *malo* compatível com κακῶ mas *tempore* com καιρῶ, vê-se, portanto, que o modelo

grego para *UA* foi diferente do para *MC*. Como a forma grega que deu origem à latina *malo* em *UA* seria a genuína (porque é compatível com o que está no texto siríaco), percebe-se então que o modelo grego da tradição representada por *UA* seria mais genuíno do que o próprio testemunho-base adotado por Pirard (2012) em sua edição crítica, testemunho este que data do séc. IX.

É necessário discutir também uma particularidade presente em *M*, que é o fato de ter um segundo punho lavrando parte do trecho da obra de Isaac de Nínive aqui examinado e que se estende, na verdade, até o final do texto. Nos excertos (22) e (23), que já correspondem ao trecho lavrado por novo punho em *M*, o texto latino deste não é mais o compatível com *C*, mas sim com *UA*. Isso significa que o segundo punho teve como modelo, a partir desse ponto, não mais o texto da retradução, mas sim o texto da tradução original. No caso de *C*, o término do texto da retradução não está muito claro: no excerto (23), tem-se ainda claramente a retradução em *C*, mas não mais em *M*; no excerto (24), há um alto nível de convergência entre o texto de *C* e de *UAM*, mas aparentemente ainda se trata do texto da retradução, porque há muitas diferenças lexicais e sintáticas: cf. *si non sollicitudo ejus extrahat (UAM)* e *dum tamen sollicitudo ejus non retrahat (C)*; *possimus/possumus custodire cum ea colloctionem/colloquium Dei (UAM)* e *poterimus servare cum ipso quod Dei est (C)*. No trecho que se segue ao excerto (24), trecho não transcrito aqui, a convergência é indiscutível, logo já não se trata mais do texto da retradução.

Outra questão é por que terá sido feita a retradução de apenas um pequeno trecho. No conjunto dos testemunhos com a tradução latina da obra de Isaac de Nínive a que já se teve acesso, há uma grande diversidade de formato e apresentação da página. Embora, no testemunho *M*, o trecho retraduzido não corresponda exatamente a unidades completas de fólhos, parece possível então que esse trecho correspondesse a unidades completas de fólhos (um ou dois) em outros formatos de códice, no qual constava a tradução original, unidades estas que teriam sido perdidas por alguma razão.

A questão final é por que o testemunho *M* volta a apresentar a tradução original antes do ponto em que *C* o faz. Um elemento importante para a explicação disso está no fato de haver um segundo punho em *M*. Por que esse segundo copista usou modelo diferente do que foi usado pelo primeiro punho? Não parece possível a explicação de que foi para suprir a perda de parte de *M*, já que o novo punho inicia seu registro no verso do f. 72: se fosse por perda de fólho, seria de esperar que o novo punho começasse no início do recto de um novo fólho.

A primeira explicação possível é de que o modelo para *M* (com a retradução) estava incompleto e o trabalho de cópia foi interrompido até que se conseguisse novo modelo. Tendo sido obtido novo modelo (diferente daquele com a retradução), o novo copista retomou a tarefa de finalizar o trabalho.

A segunda explicação possível é a de que teria havido uma decisão deliberada de completar a cópia com o texto de outro modelo, por se achar que ela seria superior ao do modelo da primeira parte da cópia de *M*. Essa segunda hipótese parece mais fraca, porque essa decisão só foi aplicada quase no final do trecho da retradução, não fazendo assim tanta

diferença (talvez, porém, o segundo copista não soubesse que o resto seguia a tradução original). Além disso, como teria chegado à conclusão de que a tradução original é superior, se é justamente a retraduzida a que é mais literal e fiel ao texto grego?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão realizada neste trabalho permite dizer que a história da transmissão da tradução latina da obra de Isaac de Nínive comporta os seguintes eventos:

- (a) Um indivíduo (dado o tema do texto, provavelmente seria um religioso) terá feito uma primeira tradução (= tradução original) da obra de Isaac do grego para o latim, antes de 1270, usando como modelo uma versão específica do texto grego.
- (b) Ainda no séc. XIII, um copista terá feito cópia dessa tradução original, da qual, em certo momento, terá(ão) se perdido um ou dois fólios.
- (c) Também no séc. XIII, a fim de sanar essa perda, uma nova tradução (= retradução) terá sido feita para a parte perdida, mas usando como modelo uma versão em grego diferente da empregada na tradução original.
- (d) No mesmo séc. XIII, terá sido feita uma cópia da versão latina, compondo-se em parte da tradução original e em parte da retradução: essa cópia terá sido possivelmente o modelo para os testemunhos *M* e *C*.
- (e) Ainda no séc. XIII, fez-se o registro do testemunho *M*, mas com interrupção na parte final da retradução. Essa cópia foi retomada por um segundo copista, usando como modelo um testemunho diferente do utilizado pelo primeiro: esse testemunho diferente não apresentava a parte com a retradução, mas apenas a tradução original.
- (f) No séc. XV, fez-se o registro do testemunho *C*, tomando como modelo o testemunho que deu origem a *M*.

Há sempre que se ter em mente que mesmo essa descrição constitui uma simplificação, pois, por exemplo, entre o modelo de *M* (copiado no séc. XIII) e o de *C* (copiado no séc. XV) podem ter existido cópias interpostas. Ademais, não é impossível que algum dos manuscritos supérstites a que não se teve acesso até o momento também apresente a retradução, oferecendo assim mais dados para a compreensão da questão.

REFERÊNCIAS

BOND, William Henry; FAYE, Christopher Urdahl. *Supplement to the census of medieval and renaissance manuscripts in the United States and Canada*. New York: Bibliographical Society of America, 1962.

BROCK, Sebastian. From Qatar to Tokyo, by way of Mar Saba: the translations of Isaac of Beth Qatraye (Isaac the Syrian). *Aram*, n. 11-12, p. 475-84, 1999-2000.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, César Nardelli. Livro de Isaac (cód. 50-2-15 da BN): caminhos percorridos. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 133-34, p. 15-35, 2014. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2013-2014_133-134.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

CAMBRAIA, César Nardelli. Do Isaac de João Cassiano ao Isaac de Nínive: processos de incorporação textual na tradição latina. *Classica*, v. 31, p. 113-28, 2018. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/download/704/673>. Acesso em: 22 out. 2020.

CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita*. ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

JORDAN, Louis; WOOL, Susan. *Inventory of western manuscripts in the Biblioteca Ambrosiana*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1984.

LARANJEIRA, Máira Borges. *De contemptu mundi et de contemplationis perfectione (cód. 311 da Biblioteca Città di Arezzo)*: edição e confronto com a edição da *Patrologia Graeca* (1865). 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1989M.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

PIRARD, Marcel. (ed.). *Ἀββᾶ Ἰσαὰκ τοῦ Σύρον: Λόγοι Ἀσκητικοί*. Ἅγιον Ὄρος: Ἱερά Μονή Ἰβήρων, 2012.